

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

ARTIVISMO E FEMINISMO NAS OBRAS DAS ARTISTAS PARAENSES LUCIA GOMES, NAIARA JINKNSS E PRISCILA DUQUE

Desiree Giusti
Doutoranda PPGARTES UFPA
Orlando Maneschy
Professor Doutor UFPA

Introdução:

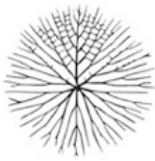
Dentre tantas possibilidades da prática artística, vou me ater ao que conhecemos como arte política ou arte ativista ou, ainda, a arte como resistência artística, o que nos remete imediatamente ao termo resistência. Pensar a arte produzida no Norte do País, território histórico e geograficamente isolado, é constatar que o que aqui se produz é impregnado de narrativas políticas e de resistência contra a configuração social de um Brasil que é marcado pela centralização do poder, do dinheiro e, também, da arte.

No texto de autoria de Jacques Rancière, filósofo francês e professor emérito da Universidade Paris VIII, intitulado *Será que a Arte resiste a alguma coisa?* é colocado em questão a junção das duas palavras, arte e resistência, pois, segundo Rancière, faz imediatamente sentido. Mas, para ele, isso ocorre no mundo da opinião

Admite-se que a arte resiste e que ela o faz de modos diversos que convergem num poder único. Por um lado, a consistência da obra resiste à usura do tempo; por outro, o ato que a produziu resiste à determinação do conceito. Supõe-se que quem resiste ao tempo e ao conceito naturalmente resiste aos poderes.
(RANCIÈRE, 2007, p.2)

A poética de tal produção nem sempre está ligada ao campo das artes. A estética, que segundo Edgar Morin, sociólogo e professor francês, em *Sur L'esthétique*, antes de ser a característica própria da arte é um dado fundamental da sensibilidade humana (Morin, 2016), constrói relações complexas nesse território de produção artística pois, são proposições vinculadas às vivências do próprio artista que, através de ações híbridas que tendem a questionar o modelo político vigente, encontra no cotidiano uma maneira de interconectar expressão artística com ativismo político.

Nesse sentido, o presente artigo emerge da tentativa de compreender como o atravessar de fronteiras geoartísticas - seja de um lugar para outro ou ir das narrativas íntimas às políticas (Soulages, 2012) - são acionadas na produção de três artistas paraenses. O trabalho se configura, então, através da relação entre memória,



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

paisagem, fotografia e tem o feminismo como projeto teórico-epistemológico e político e suas articulações com a pesquisa acadêmica.

Para isso, utilizarei como objeto de estudo os trabalhos de Lucia Gomes, Naiara Jinkns e Priscila Duque, artistas nortistas que transformam militância política e, sobretudo, feminista, em arte, ampliando o espaço autobiográfico, porque, depois da popularização do movimento feminista podemos hoje debater o sujeito político "mulher" também através da arte pois, se pensarmos na arte como auto-constituição de si, expor suas próprias experiências, seus corpos e combater a repressão, pode ser pensado como prática feminista.

Metodologia

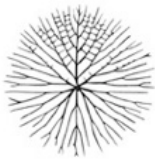
O método de coleta de dados se dará através de entrevistas e observação participante. A pesquisa se delimita como pesquisa feminista. A metodologia da pesquisa se organiza a partir da Etnografia crítica com objetivo de descrever a prática artística de três artistas da Amazônia Brasileira e como o lugar e a noção de identidade e pertencimento afetam a produção artística voltada para o ativismo político.

A pesquisa utiliza as autoras Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller para falar de metodologias feministas, de "estudo *das* e *pelas* mulheres, mantidas as estreitas relações entre teoria e política-militância feminista". Segundo as autoras:

As metodologias feministas assumem o caráter intrínseco das abordagens críticas (Guba & Lincoln, 1994), tendo como objetivo comum a mudança social, o resgate da experiência feminina, o uso de análises e de linguagens não sexistas (Eichler, 1988) e o empoderamento dos grupos oprimidos, em especial das mulheres. (...) A pesquisa feminista tem especial preocupação com o lugar do/a investigador/a na relação com os/as participantes e com o impacto da investigação nos/as participantes da pesquisa. Na investigação feminista, a relação desigual de poder entre o/a investigador/a e o/a investigado/a é trabalhada de forma a que a perspectiva do/a último/a seja validada e reconhecida como fundamental, considerando-se os/as participantes especialistas das suas próprias experiências (Chrisler & Smith, 2004; Neves & Nogueira, 2003; Teitelbaum, 1997). (Narvaz e Koller, 2006)

Resultados e discussão

A produção artística no Brasil assume um aspecto político com a eclosão dos movimentos sociais, pelas vanguardas do início do século XX (os dadaístas, Marcel Duchamp) e a contracultura, movimento libertário de contestação, que teve início nos anos 1960 e pretendia promover a desconstrução de padrões culturais, mudança de consciência, valores e comportamento, contestando de forma radical as relações de



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

poder impostas pela cultura normativa disciplinar, entretanto, todas as ações eram feitas de forma pacífica. Porém, termo arte ativista surge mais tarde em 1996, através do coletivo norte americano Art Ensemble, grupo formado em 1987 composto de cinco participantes, cunhado para denominar artistas ou não, mas pessoas que produzem ações como exposições, performance, vídeos, com o intuito de intervir no pensamento crítico da sociedade. combatendo o que Foucault chama de *poder disciplinar*, aquele que trata o homem como máquina, adestrado e útil aos interesses econômicos.

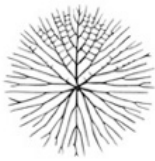
Considere que arte ativista não significa apenas arte política, mas um compromisso de engajamento direto com as forças de uma produção não mediada pelos mecanismos oficiais de representação. Esta não mediação também compreende a construção de circuitos coletivos de troca e compartilhamento, abertos à participação social e que, inevitavelmente, entram em confronto com os diferentes vetores das forças repressivas do capitalismo global e de seu sistema de relações entre governos e corporações, a reorganização social das grandes cidades, o monopólio da mídia e do entretenimento por grupos poderosos, redes de influência, complexo industrial militar, ordens religiosas, instituições culturais, educacionais etc. (MESQUITA, 2012, p.17)

Acerca da temática de gênero, muitas mulheres artistas realizaram ao longo dos anos uma produção voltada para ilustrar e conscientizar o mundo do que significa ser mulher em uma sociedade machista e, sobretudo, sobre fazer arte em uma sociedade em que quase não se conhece, através da história, produções femininas. Após segunda guerra mundial (1939- 1945) a preocupação com questões da "minorias" (termo utilizado para se referir à grupos oprimidos) foi potencializado, nesse contexto, Simone de Beauvoir escreve O Segundo Sexo (1949), sendo base para o desenvolvimento do movimento feminista que se fortaleceu na década de 1960, juntamente com as lutas sobre questões políticas e econômicas contra princípios conservadores.

No final da década de 1960 e começo de 1970, muitos artistas se voltaram às artes através de outras maneiras de expressão, como por exemplo a performance, da mesma maneira que artistas feministas juntaram arte ao ativismo político.

Em "A mãe de todas as perguntas, reflexões sobre novos feminismos", a autora Rebecca Solnit aborda as várias maneiras de silenciar as mulheres e como é revolucionário falar. E poder falar é o início do que conhecemos hoje como uma luta por direitos.

Somos vulcões... quando nós, mulheres, apresentamos a nossa experiência como a nossa verdade, como verdade humana, todos os mapas se alteram. Surgem novas montanhas. Se nossas vozes são aspectos essenciais da nossa humanidade, ser privado de voz é ser desumanizado ou excluído da sua humanidade. E a história do silêncio é central na história das mulheres. (SOLNIT, 2017, p.30)



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

As três artistas que compõem o escopo desta pesquisa são mulheres que utilizam as narrativas pessoais para compor obras que tocam problemas sociais no território em que estão inseridas. O artigo busca analisar trabalhos específicos desenvolvidos por Lucia, Naiara e Priscila em diferentes períodos.

Lucia Gomes

Nascida em Belém do Pará em 1966 e artista plástica desde 1996, Lucia Gomes atua na cena artística acreditando que o agir, o pensar, o ver, podem e devem ser modificados por meio da arte. Inquieta e militante de extrema esquerda, aborda sempre questões de violação de direitos humanos, abuso sexual contra menor, violência contra a mulher e, sobretudo, sua arte dialoga diretamente com a cena política e social do Brasil.

De acordo com o professor doutor Orlando Maneschy, Lúcia capta, tal qual uma antena, problemas de seu entorno, como na obra Xplorer de 2005, em que ao re-elaborar uma tradição típica da infância paraense - o consumo de pirulitos de maracujá em praias de veraneio, vendidos em formato de alongados cones, envoltos em papel manteiga e apresentados em uma espécie de tabuleiros nos quais os pirulitos encontram-se enfiados – discute a pedofilia e sua expansão via internet. No lugar dos palitos dos pirulitos, Gomes utiliza pregos, tentando associar a experiência saborosa do consumo de pirulitos de maracujá ao aço dos pregos, causando assim um desconforto e um estranhamento ao público. É sobre essa obra que vou me ater no decorrer do trabalho.

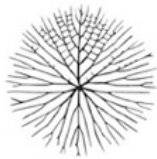
Naiara Jinknss

Naiara Jinknss também nasceu em Belém, em 1990, e começou a fotografar no primeiro ano da graduação em Artes Visuais, com uma câmera que ganhou da avó. Atualmente Naiara fotografa também com smartphone e tem uma extensa produção de vídeo. O caráter político e feminista das obras de Naiara é inegável, visível e exposto, ela utiliza as redes sociais para um diálogo combativo quase que diariamente.

Em uma entrevista para a revista Vice, Naiara conta que a relação com o lugar é extremamente imbricada com sua produção, diz ainda que muito provavelmente escolheu ser fotógrafa por conta da cidade que nasceu.

Priscila Duque

Priscila Duque é jornalista e mestra em sociologia, cantora, compositora, poetisa e performer negra, indígena e amazônica, trocou o trabalho formal para liderar o grupo de



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

carimbó e poesia, idealizado por ela, o Cobra Venenosa. As composições de teor feminista misturam influências regionais e universais, da troca do grupo com mestres de carimbó do município de Icoaraci, Pará.

Priscila é autora do manifesto *Marielle Vive!* performance feita 1 ano após a morte de Marielle Franco, mulher negra, periférica e vereadora do Rio de Janeiro, brutalmente assassinada em 14 de março de 2018. Essa pesquisa abordará mais profundamente a performance e o texto apresentados por Priscila no manifesto.

Conclusões

Observadas as tendências estéticas predominantes, percebemos, na produção dessas mulheres, que são referenciais imagéticos para a pesquisa, a hipótese é a de que as principais narrativas imagéticas contemporâneas, quando se trata do lugar da mulher na arte, é a forte presença do caráter político.

Ao proporem diferentes abordagens, partindo de suas experiências singulares de vida as mulheres rompem o silêncio. Susan Sontag diz que "fotografar é um evento de si mesmo, e dotado dos direitos mais categóricos - interferir, invadir ou ignorar, não importa o que estiver acontecendo", (Sontag, 2004). Ou seja, a partir da vida privada e de narrativas autobiográficas que foram transformadas em arte incansavelmente, elas se comunicam. Elas falam.

Palavras-Chave: Ativismo artístico; feminismo; Amazônia

Referências Bibliográficas

- MANESCHY, Orlando. **Amazônia, arte e utopia**. In: GERALDO, Sheila Cabo, COSTA, Luiz Cláudio da. (orgs). Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas[Recurso eletrônico], Rio de Janeiro: ANPAP, 2011.
- MANESCHY, Orlando Franco. **Lucia Gomes - a vida é o trabalho**. Anpap, 2007.
- MESQUITA, ANDRÉ. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2011.
- MORIN, Edgar. **Sur L'esthétique**. Editions Robert Laffont, Paris, 2016
- NARVAZ, Martha Giudice e KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política**
- RANCIÈRE, Jacques. Será que a arte resiste a alguma coisa? LINS, Daniel (org.). **Nietzsche, Deleuze, arte e resistência**. Forense Universitária: Prefeitura de Fortaleza, 2007. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/94242/versions/1/sera_que_a_arte_resiste_a_alguma_coisa_ranciere.pdf . acesso em 20/11/2019
- SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**. Companhia das Letras; Edição: 1, 2017
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOULAGES, François. **Géoartistique et géopolitique; Frontières**. L'harmattan Local & Global, 2012